

# MICROSCÓPIO

## NEREU, O HOMEM DO PODER

20. VI

58

Raul Pilla

QUEM desejasse dar da personalidade invulgar de Nereu Ramos uma definição unívoca, não poderia deixar de o definir como o homem do poder. Não, evidentemente, no sentido do homem que pelo poder faz tudo e, por isto, o recebe aviltado, quando o consegue, mas no do homem que tem do poder público uma forte concepção.

Tendo exercido as mais altas funções na esfera do poder executivo, e havendo-as exercido de acôrdo com o seu temperamento, foi paradoxalmente na chefia de um poder inerme — o poder legislativo — que êle demonstrou plenamente esta sua vocação.

Nêste regime e com os nossos costumes, poder subordinado, poder submisso, sombra do poder é o da representação política. Pois foi justamente na presidência da Câmara dos Deputados, mais ainda que na do Senado, que Nereu Ramos provou ser o homem do poder. Na chefia do governo, seja êle nacional, estadual, ou municipal, fácil é sê-lo. Ainda os de temperamento brando chegam a ser fortes, tal é o mando que se lhe põe nas mãos. Nada mais natural que, em tais posições, Nereu Ramos tivesse sido um homem forte e que desta fortaleza se originasse a vigorosa oposição que teve em seu Estado. Mas na presidência da Câmara dos Deputados competrou-se êle tanto da majestade do poder por êle representado, que o transformou, como há muito não acontecia, em poder verdadeiro. Em face dos demais poderes, erguia-se então o Congresso Nacional, com plena consciência da sua dignidade.

Êste foi, por certo, o ponto culminante da sua longa e árdua carreira política. E recebeu então algumas das mais sinceras e espontâneas homenagens, que já se tributaram nêste país a um homem público. Homem com a vocação do poder, deu consciência a um poder, que verdadeiramente o não era.

O que ocorreu depois, na sua vida pública, está sujeito a explicações e justificações. Mas, ainda assim, não sombreia esta fase da sua carreira política e não contradiz a minha definição: Nereu foi o homem do poder.